
AUTOBIBLIOGRAFIA DE SEBASTIÃO CRISÓSTOMO DE NEGREIROS (ZOTINHO)

CAPÍTULO 5 – FÉRIAS, VISITAS, NOIVADO E CASAMENTO

	Página
1 – FÉRIAS DE FIM DE ANO	2
2 – O NAMORO COM MARIA	5
3 – O PEDIDO DE CASAMENTO	6
4 – D ^a ESCOLÁSTICA E FAMÍLIA NOGUEIRA	8
5 – CASAMENTO	10
6 – FILHAS	11

Transcrito do Diário do Vovô Zotinho por:
José Nilton de Paiva e Joselisa Péres Queiroz de Paiva

Sugestões , comentários, críticas e/ou complementações (relatos e causos) favor enviá-los para:

E-Mail: joselisa@terra.com.br

Endereço: Rua Benedito Calixto, 167 – Apto 15 - Bairro Gonzaguinha

CEP 11320-070 – São Vicente / SP

Tel.: (13) 3469-8004

CAPÍTULO 5 – FÉRIAS, VISITAS, NOIVADO E CASAMENTO

1 – FÉRIAS DE FIM DE ANO

Chegaram as férias de fim de ano. Eu resolvi passear, sair do Rosário, visitar os parentes e amigos de longe. Fui em para Cruzília ver o Niquinho e o Pe José Augusto. Lá demorei uns dias.

Recordamos de uma grande enchente, em 1906, em São Lourenço, que o papai de canoa, com os companheiros, salvando o povo e as mercadorias para não rodar, foi mordido de cobra. Na pensão que ele morava tinha um fazendeiro de Cruzília, compadre de meu avô. O papai bebeu muita cachaça como remédio da mordida de cobra. Bêbado, começou a clamar pela vida, que tinha a esposa e três filhos, sendo que um deles mancava de uma perna. O fazendeiro falou com ele:

- Sossega, que eu tomo conta de sua família.

Quando o papai melhorou da bebedeira e da mordida de cobra, que felizmente não foi nada, o tal fazendeiro disse: – Retiro o compromisso de olhar sua família, mas se quiser me dar o capenga, eu levo. E o dono da pensão que era amigo de meu pai e sabia que ele não bebia, falou com ele:

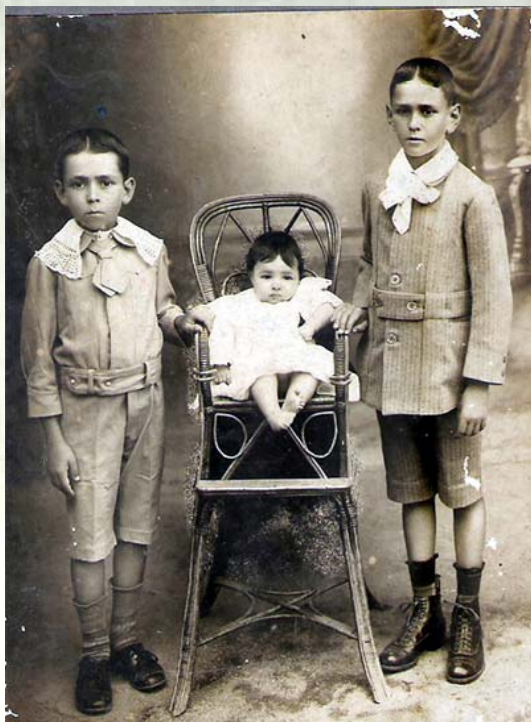
- Quando você quiser tomar outra bebedeira, seja na sua casa, não venha incomodar os outros.

O papai, alegre e contente, despediu-se dos amigos e foi embora.

De lá de Cruzília eu fui para Pouso Alto ¹. Arranchei na casa do Atílio Rodrigues, casado com Belinha. Lá, na calçada do lado da igreja, havia uma grande casa, onde moravam as irmãs de meu avô Negreiros: tia Artininha, tia Ana Emilia, tia Tereza e mais uma velha chamada Rubina. Eram todas viúvas Ana Emilia tinha um filho: Antonio Modesto Negreiros.

¹ A história do município de Pouso Alto está intimamente ligada à penetração das bandeiras de sertanistas e de aventureiros que demandavam os sertões das Minas Gerais em busca de riquezas. E como quase todos os povoados mineiros Pouso Alto também se formou em torno de um cruzeiro, símbolo da fé cristã dos desbravadores daquele tempo. Diz à tradição que, em 1692, os traficantes de gentio Antônio Delgado da Veiga, seu filho João da Veiga e Manoel Garcia: paulistas de Taubaté, embrenharam-se no sertão, recebendo de um silvícola aprisionado a confiança de que abundava ouro nas socavas da grande serra, que se levanta ao Sul de Minas Gerais, formando o limite natural entre os estados do Rio e São Paulo. Seduzidos pela perspectiva de melhor negócio do que a submissão do gentio, empreenderam aqueles homens, acompanhados de índios mansos, a arribada através das encostas e cumes da Mantiqueira, percorrendo a região onde vivia o livre indígena. Ao transporem o Vale do Paraíba, encontraram um aldeamento de índios, no qual pernoitaram, levantando depois no cimo do morro, onde pousaram, um rancho de folhas de palmeira, denominando-o Pouso Alto. E no local do antigo rancho, ergue-se hoje a igreja Matriz, em torno da qual se estende a bela e acolhedora cidade.

Em Pouso Alto, conheci o Sr. José Capistrano de Paiva (Zeca Paiva), casado de 2ª núpcias com Nazinha Vilela, com os filhos: Maria Geni, Paulo, Lineu, Vicente, José Benedito, Nadir e Terezinha (Irmã Antoinette). Do primeiro casamento ² Sr.Paiva tinha os filhos Argemiro e José C. de Paiva Fº.



José, Maria Geni e Argemiro (Dez/1916)



Zeca Paiva (1904)

² Curiosidade: Transcrição da carta de Zeca Paiva à sua mãe, pedindo para interceder junto a seu pai para aprovar seu namoro com sua futura primeira esposa.

Ouro Preto, 25 de julho de 1902

Minha prezada mãe,

Em primeiro lugar faço ardentes votos ao Altíssimo para que esta lhe encontre juntamente com o papai e minhas irmãs no gozo de perfeita saúde.

Ao começar esta, sinto meu coração palpitar, porque vou tentar erguer uma pontinha do véu que encobre minha felicidade futura. Entretanto o faço sem receio e cheio de confiança, porque a minha consciência me diz que eu devo ter algum direito de ser feliz, visto que até aqui, tenho sempre me esforçado para desempenhar bem os meus deveres e ser um homem de bem.

E mais confiança tenho, porque vou entregar o primeiro elo dessa corrente ideal à minha boa e carinhosa mãe, que por me estimar de coração, não contrariará minha vontade, e até procurará fazer com meu idolatrado pai seja também a meu favor.

Como a Sra. já sabe, há 3 anos que gosto de uma moça d'aqui e tive portanto, tempo em demasia para estudá-la e ver se o seu gênio, o seu caráter e sua educação eram perfeitas e se ela era dotada de predicados indispensáveis a uma mãe de família, a uma esposa, a uma companheira para as lutas dessa vida. E nesse estudo não me deixei levar pelos excessos de um amor extremado, deixando-me vendar pelo véu da paixão, nem me enganar pelos atrativos do encantamento.

Dedico-lhe intenso amor, é verdade. Mas o meu amor é todo muito natural, muito puro e cercado de todas as qualidades que o façam duradouro e eterno, sem vaidades. Estou convicto e comigo todas quantas a conhecem, que esta moça é em tudo digna de mim. Todas lhe reconhecem as mais belas qualidades e um coração otimamente formado. É filha de distinta família, aqui muito estimada e de muita consideração. Está estudando na escola normal, faltando-lhe apenas 2 anos para se titular, o que, para mim, dada a carreira que vou seguir, é uma vantagem enorme. Já na frente lhe sorriem 14 primaveras. É de muito expediente e trabalhadeira, despida de vaidades e de preconceitos: é enfim riquíssima de virtudes e boas qualidades. Como sabe também, em novembro serei farmacêutico, se Deus quiser, mas entendo que devo pedir agora, com um prazo indeterminado, tencionando casar-me depois de estabelecido e com os necessários meios de me manter com família. Receio, porem, que meu bom pai se oponha a essa minha deliberação. É por isso que me dirijo a Sra., confiando que a ternura de seu coração me auxilie. A Sra. como coisa sua, como se eu nada pedisse, pode procurar saber a opinião dele e me responder a fim de que eu peça a devida licença. Se ele for contrario a este meu projeto único que me fará feliz, peço-lhe que advogue em minha causa e alcance dele uma opinião favorável. Espero uma resposta para que então lhe escreva pedindo vênica para fazer o pedido de casamento. Beijando respeitosamente suas mãos, de papai, e enviando mil saudades às minhas irmãs, finalizo esta.

Seu filho do coração,

Zeca

Cidadão Honorário de Pouso Alto



O ilustre varão Farmaceutico José Capistrano de Paiva, é sem duvida, uma das mais altas e venerandas personalidades da histórica e vetusta Pouso Alto.

Nascido em Dom Vigião, antigo distrito do Carmo de Minas, o ilustre político e notavel cidadão, em sua juventude cursou a velha e famosa Escola de Farmácia de Ouro Preto, formando-se em 2 de dezembro de 1902.

Em 1910, o farmac. José Capistrano de Paiva chegou em Pouso Alto e ali se estabeleceu com uma Farmácia. Homem culto, coração boníssimo e profissional competente, logo tornou-se a figura proeminente da sociedade local. O farmacêutico, naquele tempo, principalmente os que se formaram pela tradicional Escola de Ouro Preto, possuíam tão grandes cabedais que a par dos conhecimentos farmacológicos, tinham competência para prestar serviços médicos em falta de um profissional diplomado.

O farmac. José Capistrano de Paiva foi um celes. Quantas vezes, em lombo de burro, subia as serranias de Pouso Alto atendendo chamados urgentes, ora para assistir uma parturiente sem recursos, ora salvar das garras da morte, uma criança-enferma. Tornou-se respeitado, admirado e querido. Muitos pais, muitas famílias e muitos anônimos devem-lhe osinalados serviços.

Desde 1930 é Juiz de Paz de Pouso Alto, prova de que, nesses vinte e oito anos de labor intenso, o farmac. José Capistrano de Paiva é digno do apreço da coletividade. Presidente da Caixa Escolar Ribeiro da Luz, tem sido um benemérito daquele estabelecimento de ensino.

Reconhecendo os altos e incontestáveis méritos de seu sul-mineiro, houve por bem o Executivo Municipal e a egrégia Câmara de Vereadores, galardoar esse vulto insigne, dando-lhe, em solenidade oficial, o título honorário de «Cidadão Honorário» de Pouso Alto. Presidiu a solenidade, o eminente dr. José Ribeiro Pena, ilustre Secretário de Segurança Pública do Estado de Minas. O ato teve lugar no dia 25 de agosto p. passado, no salão da Câmara Municipal, tendo o Excmo. Sr. Dr. Geraldo Henriques da Cruz, Juiz de Direito da Comarca enaltecido num vibrante discurso a personalidade desse patriarca pousoalteense.

25 de Agosto de 1958

A MONTANHIA

Desta vez fiquei conhecendo o açougueiro de Pouso Alto, Joaquim Lúcio Nogueira, moço solteiro com seus 30 e poucos anos. Homem alegre e brincalhão, conhecido e considerado por estas bandas. Bom comprador de gado e capados.

A casa do Dr. Joaquim Bento, que hoje é o Fórum, neste tempo era colégio dos Irmãos Maristas. Tinha o Pe Espeschit, alemão e Dr. engenheiro. Ele que colocou luz da Cachoeirinha em Pouso Alto.

Em Pouso Alto conheci também o diretor do Grupo: Paulino Víto Nogueira ³, velho bom e muito sábio, religioso, caridoso e diretor da irmandade de São Vicente.

Quando eu o conheci era viúvo da Sra Doca, com os filhos: José Vitor, João Joaquim, Francisco, Antonio, Maria e Ana. Morava no Mesquita, para baixo de Pouso Alto, à margem direita do ribeirão de Pouso Alto.

Mais para baixo, à esquerda, morava o tio Zeca, irmão do tio Paulino e Escolástica, casado com Maria Nogueira, com os filhos: Pedro Círio Nogueira, José, Francisco, Luiz, Antonio Bernadino, Moisés, Maria, Escolástica, Ana e João Nogueira.

Do lado esquerdo do rio morava D^a Escolástica Gonçalves Nogueira, irmã do Paulino Vitor e viúva de Teófilo Luiz Gonçalves Nogueira, irmão da Sra Doca, com os filhos: Joaquim Lúcio Nogueira, Sebastião, Teófilo, Luiz, Gabriel, Vicente, Maria de Jesus, Rita, Escolástica e Ana,

2 – O NAMORO COM MARIA

Já haviam passado dois anos, e eu já estava resignado de ficar solteiro. Sempre alegre e gostando de alegrar os outros. Trouxe a minha orquestra para tocar em um baile em Pouso Alto. Fomos recebidos bem.

³ **PAULINO VITO NOGUEIRA:** Fostes um homem idealista, porém pobre... mas para que querias riqueza, se já possuías um coração de ouro, inteligência rara.. Fostes o primeiro diretor do Grupo Escolar. É uma pena que tenhamos nascido antes para poder conhecer-te e amar-te. Como sentimos em teus companheiros, que nos falavam de tua pessoa, estima e admiração pela tua vida santa. Disseram-nos que tua simplicidade foi sem igual, gostavas das coisa puras como as flores e as árvores. Disseram-nos que passavas horas à sombra de uma delas contemplando suas singelezas. E quando, já velho, cansado, preferistes a modéstia e o sossego da vida do campo, quantos caminhantes te encontravam, à tarde em seu passeio costumeiro, sempre pachorrento, amparado por um bastão e um terço, que rezavas enquanto caminhavas. Paravas à beira da estrada, às vezes para descansar, pois, a caminhada já te parecia esmagadora por causa de tua idade avançada. Vinhas todos os dias enquanto podias enxergar, até o mortinho de Dona Altina, como diziam para contemplar Pouso Alto que tanto amavas, e tanto lutaste pelo seu progresso. Quando te diziam: " Pouso Alto é bananeira que já deu cacho" respondias: "Ela deu e dará muitos"... É certo Paulino Vito Nogueira, pois seguindo teus luminosos exemplos, teus filhos estão transformando esta torrãoquerido. E hoje nestas humildes palavras, emocionados sentimos como estivéssemos conversando contigo, Oh! Imortal Paulino Vito Nogueira.

Fonte: Web-Site de Pouso Alto: <http://geocities.yahoo.com.br/pawsite/historia.htm>

Arranchei na casa do Atílio Rodrigues. De noite, no baile, tocamos. No outro dia, para irmos embora, o Pedrinho, chamavam-no de “O monstro da sanfona”, foi buscar os animais lá no Mesquita, que o açougueiro Joaquim Lucio tinha levado e soltado no pasto. Voltando com os animais ele me disse:

- Ó rapaz, tem duas caboclas bonitas lá!

Eu já sabia que tinha quatro moças no Mesquita: duas do tio Paulino e duas da D^a Escolástica. O Joaquim Augusto Arkminio, que gostava da Ritinha da D^a Escolástica, tinha me falado que ela era muito bonita, mas que tinha a Maria, a mais velha.

Conversando com a Belinha, que escutou a prosa do Pedrinho comigo, disse-me:

- Deixa eles irem embora e você fica aqui hoje. E eu fiquei e fui com a Belinha no Mesquita.



Maria de Jesus (Vovó Maria)

A Maria estava na horta catando graveto. Enxergou no caminho a Belinha, reconheceu-a e disse para a Ritinha:

- Lá vem a Belinha, aquele cavalheiro é o Zotinho. Correram e foram se aprontar. Eu chegando na sala fui recebido pela velha Escolástica, mulher forte e rosada! Logo veio a Maria. Achei-a bonita, pensei de ser a tal Ritinha. Eu perguntei:
- A Srta é a Ritinha?

E nisso entra a Ritinha e duas pequenas: Escolástica e Ana. De tarde foram chegando os homens, os quais eu já conhecia. Ficamos lá até de noite. Soltei o cavalo e viemos com a lua.

Nesta ocasião a perna estava forte, já não punha a mão no joelho para andar. Foram todas as quatro moças até a entrada da cidade. Fomos conversando sobre as famílias. Eu fui conversando com a Escolástica, a pequena menina, ativa e inteligente. Com 10 anos já tinha o diploma primário. Cantava muito bem. Despedimo-nos na estrada. Ao voltarem, a Escolástica, que era afilhada da Maria, me pediu a benção e me chamou de padrinho.

Maria disse:

- Amanhã cedo nós iremos lá pagar sua visita. E vieram as três. Conversamos e a Escolástica me deu um recado do irmão Teófilo que estava empregado no Rosário com o Diamantino, negociante lá, dizendo para eu esperá-lo para irmos juntos para o Rosário.

E fomos, Teófilo e eu, conversando muito pelo caminho, pois ele estava gostando da Augusta, irmã da Belinha. Falou que a mãe gostou muito de mim e todos simpatizaram comigo. Já me conheciam muito de nome e à minha família. Da Maria eu não toquei nada com ele, mas fiquei verdadeiramente simpatizado com ela e com todos. Não quis perguntar a idade dela, mas vi que tinha mais de 20 anos.

Contei a Goica, Carmita, papai e meu povo de lá, o que acharam bom. Sábado seguinte fui com a Goica em Pouso Alto. Mandei soltar os animais lá na chácara. Joaquim Lucio avisou lá na Belinha que nós estávamos na cidade. E elas vieram de noite. Encontramos na reza, na igreja. Estivemos de prosa até à tarde. No outro dia fomos convidados para almoçar na chácara e lá passamos o dia. Todos alegres e contentes.

Eu prosava muito com a Escolástica, a qual de vez em quando dava umas piadas da madrinha. Ela contou que a mãe gostou muito de mim. Contou que a madrinha perguntou para a sua mãe:

- Ele serve para seu genro?

E a mãe disse a Maria: – Ele tem namorada firme lá.

A Belinha e a Goica conversaram com a Maria sobre casamento. Ela falou:

– Já comecei uma novena e se for vontade de Deus e de todos, eu caso com ele.

No outro dia, 2ª feira cedinho, fomos embora, porque eu tinha de dar aula no Rosário. Na despedida, a única coisa que eu falei com ela, todo nervoso, apertando suas mãos:

- Sábado eu volto.

E ela respondeu baixinho:

- Venha pousar aqui.

Sexta feira à noite eu cheguei lá, fui com a Benedita, filha do tio Zé Bruno, mocinha bonita e alegre, que estava trabalhando e estudando lá com a tia Artininha. Ficamos até altas horas da noite conversando. A Benedita e a Escolástica eram colegas no Grupo com a Donana. Fizeram dramas, teatro, etc. Os homens chegavam tarde, vinham da cidade.

3 – O PEDIDO DE CASAMENTO

Dessa vez eu falei com ela que queria casar logo e ela me disse:

- Pode falar com a mamãe.

Fiquei dois dias por lá e não tive coragem de falar com a velha, apesar de ser bem tratado por ela. Fui na 2ª feira cedo embora.

Maria me falou:

- Você está sem coragem de falar com a mamãe, então escreva uma carta.

Foi o que eu fiz.

Chegando lá escrevi uma carta falando em casamento. Voltei sexta feira, à noite, como de costume. Eu mesmo levei a carta. Na cidade entreguei a carta para o Joaquim Lúcio para levar para D^a Escolástica. Pousei na Belinha. No outro dia cedo veio a Escolástica me falar que eu fosse lá buscar a resposta da carta. A Escolástica brincou comigo:

- É para o Sr. ir com a Belinha para ajudar a carregar o pranchão e para almoçar lá.

Fomos. Na chegada vieram nos encontrar: Maria, Ritinha e Donana. Todas alegres e satisfeitas. Maria me cumprimentou, apertou a minha mão e disse:

- Que Nossa Senhora da Conceição, padroeira de Pouso Alto, nos proteja.

Eu disse: – Amem.

E descemos para a Chácara. A mesa estava posta e a velha veio da cozinha alegre e sorridente:

- Todos nós fazemos gosto, que vocês sejam felizes.

E foi para a cozinha. E fomos para a mesa. Estavam lá as moças do tio Paulino e a rapaziada do Mesquita.

O Teófilo ia casar com a Augusta no mês seguinte. A festa seria na Casa Grande. O assunto do povo do Mesquita era o passeio nos Pintos, para o casamento do Teófilo. Almoçamos alegres e contentes. Depois do almoço peguei o cavalo e fui embora porque precisava lecionar. Disse:

- No fim de semana voltarei, se Deus quiser.

Chegando lá contei tudo direitinho a Goica, Carmita e papai. No sábado seguinte fui com o Teofinho que trabalhava no balcão do Diamantino. Levei meu cavalo de cilião e falei com o Teófilo:

- Vou ver se trago a Maria para conhecer o meu povo.

Passei o domingo lá, com todos. Na 2^a feira cedo eu, Teófilo e a Maria, juntamente com as cunhadas Ritinha e Escolástica, viemos para o Rosário, com licença de ficarem duas semanas.

Eu tinha o treino de por as mulheres a cavalo. Mas a Maria pegou o dela, puxou na pedra e montou, enquanto eu punha a Ritinha e Escolástica a cavalo. Na ponte da vaca tinha um córrego, onde nos comíamos as matulas. Apeamos, bebemos água e descansamos. Quando fomos montar para seguir a viagem, o primeiro cavalo que peguei foi o da Maria. Ela veio rindo e eu a pus encima do cavalo. Ela me deu um tapinha na cara para pagar o trabalho.

Eu estava radiante de alegria, porque via a proteção da minha mãe e o milagre de Nossa Senhora de Rosário, que ia me dar uma esposa bonita e mais velha que eu e tinha mais juízo do que eu.

No Rosário elas ficaram uma semana. Passearam nos Pintos, conhecendo o resto da família. Assistiram umas das missas do Cônego. Dançaram na Casa de Instrução, conforme o costume. Maria ficou sabendo pelas minhas primas e irmãs o meu viver e o drama da Pequenina. Ela conheceu-a pessoalmente.

Maria, moça boa e bonitinha queria casar comigo. Ela ia passar roupa e a janela era em frente a minha. Ela vinha na janela para me espiar. Maria, minha noiva, gênio bom e paciente, fez amizade com todos.

O papai, quando ficou viúvo, chamava o tio João do Morro e iam fazer serenata para as namoradas. Eu achava muito bonito ver os dois cantarem. O tio João do Morro tocava violão. Às vezes eu pedia para ele me levar.

O papai fazia poemas para a namorada dele. Eu hoje faço para a minha:

“Maria de outra Maria,
tu tens o nome e a condição,
Ela, a rainha do céu,
E tua, rainha do meu coração.”

“Deus, com perícia divina e mão de mestre, fabricou três sóis,
um deles anda vagando no espaço e os outros dois, oh flor estremecida,
são para mim a luz da minha vida, são os olhos teus.”

Maria chamou a Escolástica e cantaram bonito para mim:

“Com a voz sausosa, terna rolinha,
Gemer sozinha, num bosque eu vi,
Dizia ela triste, arrolando,
Vivo pensando em ti”.

“Quando anoitece, escurece o mundo,
E tão profundo, o meu viver assim,
Hoje, saudoso, choro donzela,
Morena e bela, longe de ti.”

Combinei com ela para fazermos o casamento aqui no Rosário, daqui a dois meses, o que ela achou bom e disse que estava pronta para cumprir os meus gostos.

Eu disse:

- Domingo que vem eu vou lá para combinarmos com a sogra e levar as alianças.

As alianças foram presentes do Dr. Dario Vilena. Ele mandou fazer as alianças com a gravação dos nomes: Maria na minha e Sebastião na dela.

Quando cheguei no Mesquita, veio a Escolástica, muito alegre, encontrar comigo e disse:
– Minha madrinha já está fazendo o enxoval.

Mais em baixo, no terreno da casa, a minha sogra e os futuros cunhados, me receberam todos alegres e contentes por ser o casamento no Rosário. Eles já estavam contando os dias e só falavam no passeio. Maria veio lá de dentro, bonita e sorridente, com um vestido xadrez azul, que ela mesma fez de pano barato, de 400 reis o metro. Vestido este que era o mesmo que ela estava usando quando a conheci. Eu gostei muito do vestido.

4 – D^a ESCOLÁSTICA E FAMÍLIA NOGUEIRA

Quando conheci D^a Escolástica, aqui no Mesquita, já estava viúva há mais de 5 anos. Nasceu no Barreiro, hoje Estação do Tacape, entre Rio Verde e Rio dos Santos. Morava com o velho pai dela Joaquim Lemes Nogueira e seus dois irmãos, seus vizinhos no Mesquita: Pedro Rodrigues Nogueira, que morreu solteiro com 40 e tantos anos e Tereza Nogueira, casada com Davi de Alexandre, mestre linha que morava em Passa Quatro, com os filhos: Dr. Antonio (engenheiro da Rede Sul Mineira), Maria Escolástica, Davizinho (negociante), Rita e Pequetita, ambas solteiras que moravam com o Pedro no Barreiro.

Ali perto morava o Neco com dois filhos: Conceição Nogueira e José Neco Nogueira. Mais para baixo morava o Joaquim Nogueira, tio Quito, casado com tia Rita, com os filhos: Sebastião Nogueira, João, José, Joaquim, Ana, Rita, Tereza, Escolástica, Firmina e Maria.

D^a Escolástica, casada, foi morar em Silvestre Ferraz, na fazenda do Capinza, de uma tia casada com Olimpio Bernardes de Oliveira, pai do nosso amigo Zé Nogueira, presidente da Câmara de Silvestre Ferraz, do qual falarei em outro capítulo. De lá veio para Pouso Alto. Seu marido trabalhava com açougue. Compraram, nesta ocasião, uma casinha com três cômodos: cozinha e dois quartos. Quando eu a conheci, já tinham feito um puxado de um lado com a sala e mais três quartos bons. Para cima tinha uns oito alqueires de pasto, em divisa à direita com o tio Zeca, do lado esquerdo com o Dr. André, juiz de direito de Pouso Alto e lá atrás no alto, divisa com o Rio Verde. Para baixo da casa havia um grande pomar e uma boa várzea de uns dois alqueires, terreno de cultura de arroz.

Perto da casa havia um moinho d'água, 3 ou 4 laranjeiras que carregavam bastante e em redor delas um grande pomar plantado por eles. No pasto tinha uma dúzia de vacas leiteiras. O leite era vendido na cidade, num grande picoá com bolsos, levado pelo Vicente, o mais moço dos homens.

Lá todos trabalhavam. Joaquim Lucio, o mais velho, trabalhava no açougue, o Sebastião era ferreiro e trabalhava no caminho da Estação, Teófilo no Rosário e o Gabriel, Luiz e Vicente trabalhavam na lavoura, arando a terra e plantando. As moças lavavam roupas do povo da cidade. E a velha Escolástica, a cozinha e manobrava o pessoal.



Teófilo e Vovó Escolástica: 1ª Fila: Sebastião, Joaquim Lúcio, Teófilo, Gabriel;
2ª Fila: Luíz, Rita, Vicente, Teófilo, Tia Donana, Vovó Escolástica, Tia Escolástica e Vovó Maria

5 – CASAMENTO

Aos 19/09/1919 realizou-se o meu casamento com Maria de Jesus Nogueira Negreiros, na igreja do Rosário de Dom Viçoso. A festa durou uns oito dias, como era de praxe. A festa foi realizada na casa ao lado da igreja, de meu pai, casado em 3ª núpcias com Maria Rita Vilena Negreiros. Uns oito dias antes do casamento levei a minha futura sogra com as filhas para o Rosário, para ajudarem na preparação da festa.

No dia do casamento a Pequenina falou com as primas:

- Hoje perdi as minhas esperanças, mas o primeiro abraço depois do casamento, vai ser comigo.

Na igreja ela ficou perto da Goica que era minha madrinha. Quando acabei de casar a Goica me abraçou e o segundo abraço foi com a Pequenina, menina boa e conformada. Casou uns 4 ou 5 meses depois com um moço de Cristina, os quais tiveram muitos filhos e ela foi muito feliz também.

Fui residir nos Pintos na casa onde morreu a minha mãe. Uma casa confortável com água boa, um bom paiol com chiqueiro por baixo, um moinho d'água de lado, um mangueirão para criar porcos, uma horta com jabuticabeiras e árvores frutíferas plantadas por minha santa mãe.



Ana Flávia (Donana), Joaquim Lúcio, Escolástica Isabel e Vovó Escolástica.

6 - FILHAS



Alaíde e Bebê

Em 1.920 nasceu a minha primeira filha: Alaíde. Um mês antes dela nascer estava em minha casa a minha sogra Escolástica Nogueira.

No batizado da minha primeira filha foi aquele festão lá em casa. Os parentes dos Pintos e de Pouso Alto festaram uma semana, como era de costume. Todas as noites o tio João do Morro, com sua sanfonia, fazia o arrasta-pé.

Por volta de 1928 já tinham nascido a Alaíde, Bebê, Dorinha, Maria José, Escolástica e Terezinha.

Maria criou os filhos dando de mamar no peito. Quando nascia uma criança ela fazia os “paninhos de açúcar”. De dia, ficavam sem mamar e chupavam o paninho. As comadres ofereciam para dar de mamar, mas ela agradecia e diziam que tinha muito leite. Às vezes a criança mamava em um seio e era preciso tirar do outro. Não gostava de dar chupeta e mamadeira. Fazia uns chazinhos e dava na colher. Fervia o leite e dava na caneca. Alaíde e Bebê foram criadas com leite de cabrita.

Em 1928 faleceu minha filhinha Maria José, com 3 aninhos. Com uma febre!... Eu chegava no quarto dela e ela falava: – Papai! E abria a boquinha querendo água. Eu, para dar coragem a minha velha dizia: – Se morrer, é um anjo que teremos no céu. Eu a levarei para o cemitério com músicas.

Morreu num sábado. No domingo cedinho, 20 ou 30 moças levaram o caixãozinho dela e foram assistir a missa das 9:00 horas na igreja do Rosário. Eu montei a cavalo e fui a missa. Quando entrei na igreja, lá estava o caixãozinho. Ao terminar a missa o padre disse:

– Vamos rezar um terço na rua com a banda.

Pediu para as moças acompanharem o caixãozinho rezando o terço. Demos a volta nas ruas do Rosário e de lá o padre mandou seguirem todos para o cemitério.

Eu sempre firme, acompanhando e rezando. Puseram a menina na cova, destamparam o caixão e mandaram eu jogar um pouco de terra, o que eu fiz. “A menina olhou para mim e riu”. Eu cambaleei e se as moças não me segurassem eu teria caído. Saí do cemitério quase carregado pela moçada. Aquele riso dela nunca mais saiu da minha mente.

Seis meses depois morreu a outra: Escolástica, com a mesma febre. Esta eu mandei levar, não fui acompanhar, como fiz da outra.



Benedita, Ritinha, Luíz, Sebastião, Vicente, Geralda, Maria de Jesús, Antônio Espeschit, Padre José Leite, Vovó Escolástica, Zotinho.